

Tapete

Por Wilgner San

Para vó Isabel (*In memoriam*)

Sob a grande árvore que logo daria frutos e entre tiras coloridas de tecido, Isabel sentiu o desconforto gerado pela repetição da costura manual e improvisou um muxoxo. Cinco segundos depois, alongou as costas no apoio da cadeira, sacudiu o futuro tapete e, após cumprimentar um tropeiro viajante, voltou a alinhar as tiras. Acostumada aos ecos da vida desde menina, não seria vencida agora por retalhos.

No céu, o sol caminhava para o descanso, abrindo oportunidade para a chegada das visitas e prosas de todo tipo. Ela balançou a cabeça, desgostosa, prometeu a si que o tapete ficaria pronto naquela tarde; era um presente para a comadre, por isso, mais cedo, por garantia, deixou uma vassoura atrás da porta. Mas, caso a crendice não atrasasse os ritos de recepção, a garrafa de café já estava cheia, as cadeiras já estavam dispostas na porta – quem vier já está pronto, tem boca, mão e perna; o tapete ainda não.

Neste exercício de entrelaçar panos e pensar nas coisas da vida, percebeu que as faixas macias contrastavam com o tecido grosseiro do saco de estopa. Enquanto tramava os tecidos opostos, pensou no solo hostil sendo cultivado; nas pequenas alegrias que enfeitam a vida difícil; na lágrima abraçada pelo riso; nas lições que assentam na cabeça vazia; na solidão da boca da noite amortecida pelas vozes dos filhos, netos e bisnetos. Pensou nisso tudo e em outras coisas mais. E, naquele instante, lembrou-se do dia que uma das filhas voltou da escola falando sobre uma tal “metáfora” – era algo bonito de se fazer com as palavras, mas, infelizmente, não enchia o bucho de ninguém; igual ela fez com o tapete.

Ao concluir a costura, orgulhosa do trabalho feito, meditou que muito da vida era como aquele tapete pronto em suas mãos. Com os olhos marejados, decidiu trançar mais tapetes.



Pedras de sal

Por Wilgner San

Para vó Isabel (*In memoriam*)

Ao voltar do roçado, com o balaio abarrotado de mandioca sobre a cabeça, Isabel avistou um tropeiro descer do cavalo para abrir a capela. Construída por um coronel da região, a capela de pau a pique só tinha espaço para o altar de Santa Luzia e era aberta nas vésperas da quinzena do mês de dezembro. Comadre Zefa, a qual assombrosamente sabia de tudo do mundo sem sair de casa, conta que aquela obra e a abertura anual, próxima dos festejos de Santa Luzia, era pagamento de promessa do coronel pela dádiva concedida à filha primogênita.

Após acender algumas velas, o tropeiro afastou-se da capela, subiu em seu cavalo e seguiu na direção das fazendas de gado do coronel. O cavalo, ao sentir as esporas do cavaleiro, trotou com cuidado entre os cactos verdejantes e os caroás avermelhados, levantando uma poeira fina e branca pelo caminho. A cena pareceu repetição de outra: no começo do mês, Isabel sonhou que tinha um cavalo de pelagem clara – sinal de prosperidade, segundo a comadre. Ao sentir de novo o peso do balaio, Isabel sorriu. *Mandar umas duas mandiocas para Zefa*, pensou.

No intuito de reverenciar a santa, Isabel aproximou-se da cerca, feita com estacas de sabiá, e sua mão esquerda teve que apoiar o balaio com mais firmeza para amortecer os trancos causados no caminhar pelo solo irregular, dominado por ervas daninhas. Conhecedora da possibilidade de intermédio da santa, Isabel rezou a Deus pela chuva ao passar na frente da capela: *Ó Santa Luzia, interceda por nós, alumia meus olhos para que eu possa ver as belezas da criação. Ó meu Deus, faz cair do céu a chuva sobre a terra para que nasça os frutos e seja salvo homem e animal*. Ela levou a mão direita ao terço puído que carregava no pescoço e repetiu essa oração até chegar em casa.

Como era de costume, antes de chegar à porteira, as filhas já tinham interceptado o balaio e levado para uma área coberta, pois as mandiocas devem ser limpas e cortadas antes de iniciar a preparação da farinha. Na Grota, dizem que as filhas precisam aprender imitando a mãe e os filhos



imitam o pai. No entanto, Isabel resolveu ensinar o trabalho na roça aos seus sem diferença – comadre Zefa, mesmo sem filhos, cuspiu um “quem pariu Mateus que balance” em concordância. Todos merecem e precisam saber como se virar naquele mundo, pois *pau que bate em Chico, bate em Francisco também.*

Aos seus, Isabel ensinou o que precisava ensinar. Se por um lado, desconhecia a leitura das letras, por outro, lia com astúcia a natureza, caçando os sinais de chuva ou de possível seca, pois naquela região era tudo o que importava ler: mandacaru dando flores, João de Barro construindo nova casa, a posição das estrelas no céu – ou através de sonhos, como fazia a comadre. No início da noite daquele dia, por exemplo, Isabel pediu que as filhas trouxessem um pedaço de papel, uma lasca de carvão e pedras de sal. Quando as coisas chegaram, ela sacudiu o papel a fim de secá-lo, riscou com o carvão seis círculos simulando os primeiros meses do ano e colocou as pedras nesses círculos.

Vai passar a noite aqui no telhado, explicou. Amanhã, no dia de Santa Luzia, antes do sol nascer, vamos ver o resultado. Se alguma derreteu, sinal de que vai ter chuva no mês. Agora, se nem uma pedra derreter... Isabel não conseguiu concluir a fala, ficou com a voz embargada, uma vez que as lembranças da seca, da fome e da dura jornada para o sul dominaram sua mente. Em silêncio, levou a mão direita ao terço e pediu a Deus misericórdia.

– Mãe, vai ser sinal de quê? – as filhas insistiram, abraçando-a. *De que vamos precisar ter coragem.*

